

SOBRE AS ÁGUAS DO RIO TIETÊ: A FESTA DO DIVINO DE LARAS (SP)*

*Neusa de Fátima Mariano***

Resumo: A Irmandade do Divino de Laras sai em peregrinação, pelas águas do Rio Tietê, e leva a Bandeira do Divino para abençoar a população que pede a visita e que oferece almoço ou pouso. Assim tem sido durante anos, mantendo a tradição. A peculiaridade da Festa do Divino de Laras é que ela se mantém, no seu ritual, distante daquela originária, de Portugal, difundida pela Rainha Dona Isabel. Geralmente, as Festas do Divino no Brasil trazem representações de Cetro e Coroa, Imperador e Imperatriz como referências àquela realizada em Portugal. Em Laras, o ritual tem, na sua origem, uma história local. Todas as passagens da Festa de hoje remetem a um passado da localidade, da memória coletiva do lugar, perpetuando assim uma forte identidade territorial.

Palavras-chave: Divino. Laras. Religiosidade popular. Rio Tietê.

Over the waters of the Rio Tietê: the Party of Divine Laras (SP)

Abstract: The Brotherhood of the Divine Laras out on pilgrimage, the waters of the Tietê River, and takes the flag of the Divine to bless the people who visit and asks that offers lunch or landing. So it has been for years, keeping the tradition. The peculiarity of the Feast of Divine Laras is that it remains in its ritual, apart from that originating in Portugal, spread by Queen Dona Isabel. Generally, the Feast of the Divine in Brazil bring representations of Sceptre and Crown, Emperor and Empress as references to that held in Portugal. In Laras, the ritual is in its origin a local story. All passages Party today refer to a past of the town, the collective memory of the place, thus perpetuating a strong territorial identity.

Keywords: Divine. Laras. Popular religiosity. Rio Tietê.

INTRODUÇÃO

Todo ano tem! Acontece em Julho por causa das férias das crianças!
A Irmandade do Divino sai em peregrinação levando a Bandeira do Divino para abençoar a população que pede a visita e que oferece almoço ou pouso. Assim tem sido durante anos. Mas a tradição tem origem no

¹ Pesquisa financiada pela FUNARTE – Fundação Nacional das Artes, em 2011.

² Profa. Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia da UFSCar-Sorocaba. E-mail: nfmariano@gmail.com.

século XVIII, conforme relatos. Diz a história local que uma senhora, ao viver um momento de grande tristeza em Laras (hoje distrito de Laranjal Paulista) por causa da febre amarela que quase dizimou toda a população, fez uma promessa ao Espírito Santo. Ela pediu que a febre dissipasse e assim, um grupo de homens levaria, pelo rio Tietê, a imagem do Divino à população ribeirinha, abençoando-a. O surto de febre cessou dando início a uma tradição na localidade: a homenagem ao Espírito Santo.

A peculiaridade da Festa do Divino de Laras é que ela se mantém, no seu ritual, distante daquela originária, de Portugal, difundida pela Rainha Dona Isabel no século XIV. Geralmente, as Festas do Divino no Brasil trazem representações de Cetro e Coroa, Imperador e Imperatriz como referências àquela realizada em Portugal, devido ao processo de colonização.

Em Laras, o ritual tem, na sua origem, uma história local. Todas as passagens da Festa de hoje remetem ao passado de Laras, à memória coletiva do lugar, contribuindo para manutenção desta memória. Não há referências à Festa da Dona Isabel; as referências são do surto de febre amarela.

Assim, em Julho (em função das férias escolares), a Irmandade do Divino Espírito Santo sai em peregrinação pelos bairros rurais e centralidades urbanas de municípios próximos levando a Bandeira do Divino às famílias que a recebe com muita devoção. A Irmandade viaja por terra e por água por cerca de vinte e cinco dias, enfrentando frio e chuva, às vezes, e dormindo em locais precários. A Irmandade é sempre recebida com muita fartura pelas famílias que oferecem almoço ou jantar e pernoite, uma vez que é considerada mensageira do Divino.

Cabe observar que os cantos que a Folia do Divino entoia durante as visitas remetem ao passado de Laras, ao surto da febre amarela que cessou por obra do Divino Espírito Santo. Outro momento importante do ritual que remete à origem da Festa e à história de Laras refere-se à passagem da Irmandade sobre os chamados “amortalhados”. Estes fazem referência àqueles que morreram de febre amarela e, envoltos em lençóis e deitados na rua como mortos, são abençoados pelo Espírito Santo por mediação da Irmandade do Divino e Sua Bandeira. Assim, renascem, após a bênção. Todos estes momentos serão abordados no decorrer do texto com mais detalhes.

A pesquisa pautou-se teoricamente sobre a identidade territorial, que se dá e se mantém por meio da Festa do Divino Espírito Santo, via Irmandade do Divino de Laras. Compreende-se por identidade territorial aquela em que um dos pilares de sua construção encontra-se no território, tendo como referência principal os trabalhos de Rogério Haesbaert acerca da discussão sobre esta categoria de análise.

Com o objetivo de confirmar a hipótese da Festa do Divino como um dos elementos que compõe a identidade territorial de Laras, acompanhar a

Irmandade do Divino em sua peregrinação foi fundamental. Assim, os registros fotográficos e orais foram realizados, conversas (formais e informais) foram travadas e amizades construídas ao longo da pesquisa.

A Festa do Divino de Laras chama atenção pela sua singularidade no seio da cultura popular, aquela espontânea, em que o mercado não espetacularizou, para lembrar Guy Debord. Assim, considera-se que a tradição da homenagem ao Espírito Santo é muito forte, garantindo à população de Laras a sua identidade territorial.

A FESTA

Uma vez que a territorialidade está aqui compreendida como resultado de uma construção social, depreende-se que a mesma tenha significado para a vida coletiva, dando-lhe sentido a partir do vivido. Faz-se pertinente, neste sentido, a elaboração de reflexões acerca da dimensão cultural da vida cotidiana, buscando, por exemplo, em uma festa da religiosidade popular, o elo entre o território e a cultura. Ou ainda, a festa como elemento constitutivo de uma identidade territorial.

A Festa do Divino que se realiza em Laras é bastante peculiar. Ela acontece durante o mês de Julho, período de férias das crianças que podem acompanhar a Irmandade em sua peregrinação. Assim, desde cedo, as crianças aprendem os valores de suas origens, aprendem a tradição e a sua importância para a perpetuação da sua vida; torna-se inerente à vida, a tradição da Festa do Divino por mediação da Irmandade.

O barulho da corretenza do rio pode assustar, mas é o rio o coração da homenagem. É o rio que leva e que traz a bênção, a cura, o amor, viabilizado, concretizado pela Irmandade do Divino. Por isso ela é considerada Mensageira de outra dimensão, a espiritual que traz conforto, paz, bênção, abundância, prosperidade e amor a todos. Por isso os Irmãos do Divino são considerados especiais e são recebidos com muito amor, pelo reconhecimento de sua missão.

A origem das homenagens ao Espírito Santo não se constitui em uma Festa, do tipo das festas coloniais, com fins de cristianização, aliás, como a do próprio Espírito Santo, nos moldes da de Portugal. Esta foi difundida pela Rainha Dona Isabel, hoje a Rainha Santa, que reunia o povo e lhe oferecia um banquete (os vodos), e diz a tradição popular que ela até coroava um mendigo como Rei e este teria durante o dia de Pentecostes, todos os poderes conferidos a um rei, inclusive o de soltar presos da cadeia.

Em Laras tudo é diferente. Pode-se dizer que a única referência que permanece é a imagem da pomba branca sobre um fundo vermelho. A pomba é o próprio Espírito Santo, a forma como ele se revela em várias passagens bíblicas, como no momento da Anunciação, ou do Batismo de João Batista. O vermelho também traz o Espírito Santo na forma de línguas de

fogo. A Bandeira, segundo Maynard Araújo (2007) é o que permanece em todos os rituais. Em Laras, a Bandeira do Divino é o objeto mais sagrado de todo o período festivo, é ela que carrega todo o sofrimento, toda a angústia, todos os pedidos de libertação, de cura e de amor; é a Bandeira do Divino que vai transmutar o sofrimento e a dor em amor e alegria.

Imagem 1 - Bandeira do Divino carregada de fitas, roupas, fotos e cartas, durante um almoço oferecido para a Irmandade.



Foto: Neusa de Fátima Mariano/2011

Inicia-se a Festa. Missa do Envio. Nada acontece antes das bênçãos para que a viagem seja tranquila e que a Irmandade cumpra com a sua missão. A peregrinação envolve várias localidades do município de Laranjal Paulista (ao qual Laras é distrito) e também de municípios próximos como Piracicaba, Conchas, Saltinho e Pereiras. A chamada Saída das Canoas também é um momento importante do ritual, pois marca a peregrinação que durará cerca de quase um mês. E como todo momento importante, a Saída

não acontece sem que antes todos tenham tido contato com a Irmandade, com a Bandeira, com a oferta e a fartura, num café da manhã comunitário, regado a muita música dos Foliões acompanhada por orações. Começa aqui a lembrança dos motivos pelos quais levaram à existência da Irmandade e sua missão, ou seja, a passagem na história de Laras, do surto de febre amarela, cantada nos versos dos Foliões.

Divino Espírito Santo
 Ele tem essa promessa
 De fazer sua viagem
 Pra depois fazer a festa, eeee!

Essa viagem tão santa
 Foi por um grande pedido
 Foi por grande milagre
 Foi feito no tempo antigo, eeee!

Foi feito no tempo antigo
 Aqui na grande capela
 Pra acabar com a epidemia
 Da triste febre amarela, eeee!

Deus lhe pague o bom café
 Também o sagrado pão
 Que a bênção dele cubra
 Nosso pai da salvação, eeee!

Divino Espírito Santo
 Boa saúde veio dar
 Também ele pede uma esmola
 Se acaso podem nos dar, eeee!

Pausa. Todos dão esmola (dinheiro) ao bandeireiro.

Com a mão deu uma esmola
 Com outra segura a bandeira
 Que a bênção dele cubra
 Essa pomba verdadeira, eeee!

Deus lhe pague a boa esmola
Que veio de lado a lado
O Divino que lhe cubra
Que ele lhe paga dobrado, eeee!

Que ele pague a sua esmola
O Divino está bem vendo
O seu nome lá no céu
Os anjos tá escrevendo, eeee!

Se faz uma despedida
É preciso arretirar
O Divino se despede
Das imagens do altar, eeee!

Das imagens do altar
Onde está a Virgem Maria
Vai deixar felicidade,
pro senhor, pra sua família, eeee!

O Divino se despede
Pra retornar voltar
Todos com bastante saúde
O Divino quer achar, eeee!

Se faz uma despedida
Ai, Nessa bendita hora!
Toma a benção do Divino
Que a bandeira vai-se embora, eeee!

Já fizemo a obrigação
Mas as imagens ainda estão aqui
Ó meu nobre diretor
Agora podemos seguir, eeee!

[Vivas]
Viva o Divino Espírito Santo!!!

[Todos] *Viva!!!!*
 Viva Nossa Senhora Aparecida!!!
 [Todos] *Viva!!!*
 Viva São Sebastião!!!
 [Todos] *Viva!!!*

Laras havia passado por terríveis epidemias de febre amarela, sendo em 1839, 1868 e 1872 (ALMEIDA, 1980). Porém, conforme a tradição oral, antes da primeira data de registro da febre amarela, por volta de 1790, quando a localidade contava com cerca de dez famílias, a doença já havia se manifestado, originando a tradição de homenagear o Espírito Santo em função das suas bênçãos para que o surto cessasse. Conta-nos o Diretor da Irmandade do Divino de Laras:

Da febre é por volta de 1790 que surgiu, e porque não existia cura. Isso é geralmente depois das enchentes porque o rio nosso aí, ele tem uma bacia do lado da margem de lá. Na hora que o rio abaixava ficava aquela bacia tomada por conta da febre amarela. Então uma senhora pediu para o Espírito Santo que se desaparecesse a doença, formaria um grupo de homens que levaria uma imagem do Divino Espírito Santo abençoando as casas. No caso, naquela época era só casa na margem do rio, não existia estrada, e essa mulher alcançou a graça e ela juntou três homens que começaram. [...] Uma canoinha pequena, a deles né, uma canoa de pesca que eles saíam. A gente não sabe dizer se rio acima ou rio abaixo, mas provavelmente isso começou rio acima e como era só na margem do rio, eles paravam na beira do rio e iam lá, rezavam o Pai Nosso, a Ave Maria. Levavam mantimento e eles mesmos cozinhavam, levavam agasalho e, naquele tempo, colchão de taboa, esteira, cozinhavam. E o trabuco, já levavam naquela época por causa dos animais, pelo caso de aparecer porque até hoje, por aqui existe onça parda. Quando eles percebiam algum barulho, o trabuco servia para isso, para assustar. Na hora de dormir eles amarravam o Divino numa arvorezinha pequena e fazia uma fogueira em volta e eles dormiam em volta de uma fogueira, e assim eles foram, foram vários anos, vários anos e foram indo, foram indo. Com o passar dos anos, as pessoas escutavam aquele barulho [do trabuco] que escuta longe, e então já sabiam que eles estavam por ali. E o que aconteceu? As pessoas começaram a cuidar para [o grupo] tomar um café e a outra cuidava para almoçar, e outra para janta... Era sempre a mesma casa que em todo ano se passava, sempre nas mesmas casas da nossa região e assim começou a formar. Vem a necessidade de entrar mais gente do Divino que queria acompanhar, foi

áí então que eles montaram a Irmandade. Áí que derrubaram uma árvore grossa - naquele tempo era peroba -, construíram uma canoa grande para 20, 30 homens, e assim formou, formou a Irmandade. [...] Áí teve uma época que parou, parou a viagem porque acharam que já tinha parado a doença, que a promessa podia parar. Áí diz que voltou mais forte, áí formaram de novo, e a doença acabou de novo e áí desse período para cá, bom... áí foi, foi começando a aparecer o folião, pareceu terço cantado, áí as pessoas já com antecedência marcavam o almoço, marcavam pouso...

Já a partir destas palavras iniciais podemos trazer à reflexão teórica, o que significa esta memória apresentada em versos em várias passagens do ritual. Propõe-se abordar aqui a questão da identidade territorial, uma vez que a Festa do Divino Espírito Santo realizada em Laras se apresenta de forma peculiar, resgatando a todo momento, a história da localidade.

As identidades territoriais abarcam uma dimensão simbólica e cultural do espaço e o sentimento de pertencimento, uma vez que elas trazem à consciência um reconhecer-se no outro, por meio daquilo que os une: o território em diálogo com a identidade. Haesbaert (2010) fala do território como um híbrido, pois, nesta perspectiva, o território traz consigo várias dimensões: entre a materialidade e a idealidade, entre sociedade e natureza, e entre a política, economia e a cultura, numa interação tempo-espaço “na indissociação entre movimento e (relativa) estabilidade”. (HAESBAERT, 2010, p. 79).

Neste sentido, com base nos trabalhos de Rogério Haesbaert (2005), o território é aqui abordado, cuja concepção está para além da noção de poder e domínio sobre determinado espaço, uma vez que se considera também a apropriação do mesmo. O território não pode ser concebido apenas como uma porção do espaço concreto, terreno ou propriedade e seu sentido político. Como se trata de uma construção social, conforme Raffestin (1993), seu conteúdo apresenta formas variadas de manifestações socioculturais a partir de uma construção coletiva, que faz dele um espaço apropriado. A apropriação se dá pela práxis – aqui a Festa do Divino -, e pela sua delimitação, ainda que não seja rígida, envolvendo as várias dimensões da vida concreta. Nestes termos, a identidade territorial é coletiva.

Para Haesbaert (1999), a identidade territorial tem no território um dos pilares da sua construção:

Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para a sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta

identidade parte do ou transpassa o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela de uma paisagem como espaço cotidiano, “vivido”, que “simboliza” uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e em tese mais abstrato, como a do Estado-nação. (HAESBAERT, 1999, p. 178-179)

A identidade sócio territorial – já que, como diz Haesbaert (1999), toda identidade territorial é também social – no seu bojo, traz conteúdos diversos que se encontram na dimensão cultural e participam de uma tradição. Afinal, esta dimensão sempre esteve presente nos processos de formação territorial. E assim ocorre em Laras, na Festa em que cada momento realizado traz um significado e remete a um tempo pretérito que traz os fundamentos da práxis cotidiana. É visível em Laras, mesmo fora do período da Festa, a vida acontecendo em função da Festa, em torno da Irmandade do Divino.

O período festivo ganha visibilidade e concretude com as bênçãos, orações e cantorias no interior da Capela de São Sebastião, após às quais, a Irmandade parte para o Rio Tietê, em duas canoas, para dar início à viagem. A primeira parada é logo ali, bem próxima ao Distrito, mas que, remando rio acima, leva cerca de uma hora e meia de viagem.

Eles seguem remando ao ritmo da proa, anunciando a passagem do Divino e entoando a serenga. Esta, equivocadamente é comumente compreendida como melodia sem canto, pois, às margens do Rio, somente é possível ouvir o baixão “Óoooo!”. Mas na canoa, segue um puxador que improvisa seus versos e, somente quem está na canoa, ouve as suas palavras.

Imagem 2 –



Foto: Neusa F. Mariano/ Julho de 2011.

Possivelmente o canto ajuda a ritmar as remadas. Estas, em cada barco, são também ritmadas pelo bater de pé do proeiro, mas a serenga não deixa de ter uma função facilitadora e sincrônica do esforço despendido no remar. (CASCUDO, 2001, p. 631-632).

Na compreensão da viagem como sacrifício, levada a sério tal qual uma missão a ser cumprida ao Divino Espírito Santo, a Irmandade organizou um regulamento de viagem, estabelecendo algumas normas de comportamento, com o objetivo de manter o foco no objetivo da viagem. Assim, todos os Irmãos devem se manter uniformizados, participar de todas as rezas e missas, respeitar os comandos do Diretor e toda a hierarquia da Irmandade, não beber álcool (a não ser o oferecido na mesa), nem fumar ou jogar baralho. Enfim, são regras de comportamento para a lembrança de que se trata de uma missão e não de um passeio.

Quando a Irmandade chega a algum café, almoço ou pouso, os procedimentos são praticamente os mesmos: os Festeiros¹ vão ao encontro da Irmandade levando o andor do Santo que tiver em casa, demonstrando a sua devoção a Ele. Algumas vezes são dois andores: o de São Benedito e o de Nossa Senhora Aparecida. É assim: mulher solteira leva Nossa Senhora, uma criança, a imagem do Santo que tiver em casa, e um homem, a imagem do Divino. “*São Benedito vem na frente*”. É o dito popular, para que não chova.

Pode-se dizer que o Santo da casa vai ao encontro do Divino que faz a peregrinação, e o recebe e o acolhe. A Bandeira do Divino passa para as mãos do Festeiro e forma-se uma fila para beijá-la; as outras duas Bandeiras do Espírito Santo, também levadas pela Irmandade são passadas para as mãos de familiares ou amigos dos Festeiros. Somente depois de todos beijarem as Bandeiras, a caminhada continua em direção às dependências da casa, no quintal onde o mastro é erguido. Cabe observar que os Irmãos não tocam no mastro, segurando-o com um lenço. Quando estão com os remos, o mastro por eles é sustentado. Não há uma explicação sobre isso, pois tanto pode ser um costume cujo fundamento simbólico se perdeu no tempo, como pode ser – conforme alguns relatos – pelo fato de que o mastro, em tempos antigos, geralmente era pintado e poderia sujar as mãos de tinta.

A família que se oferece para o acolhimento da Irmandade, geralmente o faz, não só por consequência de alguma graça alcançada e às vezes, dá continuidade à promessa realizada por parentes já falecidos, mas também pela fé e pela crença no Divino, pela proteção que Ele oferece à família e à comunidade.

³ A família que vai receber a Irmandade também é conhecida como festeiros do café, almoço ou pouso.

Algumas paradas já são “tradicionais”, como dizem os Irmãos, e estão no trajeto do Divino. Às vezes o Diretor da Irmandade (responsável por traçar o caminho da viagem), encontra dificuldades para “casar” horário de refeição com os bairros a serem percorridos, e acabam andando em *zigue-zague*. Ou então, solicitam o pouso para alguma família, para combinar as paradas em horários específicos. No entanto, muitas pessoas que conseguiram graças com o Divino, encontram como agradecimento, ofertar à Irmandade este pouso, e a agenda pode ficar lotada, com mais possibilidades de parada do que o necessário. Sendo assim, o devoto terá que aguardar o ano seguinte, e/ou ajudar alguma família com a comensalidade, com a doação de alimentos ou qualquer outra atividade, até que chegue a sua vez; ou então, ele se associa a demais devotos que já estão agendados para pouso, café ou almoço.

O mastro é erguido. Os capelães cantam. Todos rezam o terço cantado, se for à noite. No almoço, o terço não é cantado. Ouve-se o trabuco a cada “Glória ao Pai”, como uma marcação da reza.

Ao término, os festeiros levam a Bandeira do Divino para abençoar a casa, o alimento que está sendo preparado e será oferecido a todos os presentes, bem como a mesa sobre a qual todos se alimentarão. A comida tem que ser benzida pela Bandeira do Divino para que não seja escassa. E assim segue o almoço com pratos generosos com direito à repetição. A comida é realmente farta – e vale dizer, saborosa: arroz com moela picada, frango, salada de alface com tomate, refrigerante. O agradecimento ao alimento não pode faltar. Cantam:

Esta comida será abençoada
Porque o senhor vai derramar o seu amor.
Derrama, ó Senhor,
Derrama, ó Senhor,
Derrama sobre ela o seu amor. [...]

Primeiramente, alimentam-se os Irmãos e os membros da família que estão recebendo a Irmandade, visto que o local não comporta a todos de uma só vez. A cada início e término de refeição, a chamada “mesada”, reza-se um Pai-Nosso. A “segunda rodada” é reservada às mulheres, crianças e idosos. Por fim, aos homens e demais pessoas que vieram acompanhar, o almoço é servido.

Cabe observar que, conforme Lefebvre (1958), desde a antiguidade clássica, a festa significa abundância e desperdício, uma vez que a reverência à natureza, na festa pagã remetia ao agradecimento pela fartura. Neste sentido, o alimento não só compunha a festa como era central, projetando e agradecendo a fartura, dádiva da Mãe Natureza. Quando a Igreja Católica

passou a dominar o pensamento humano, as reverências à natureza passaram a ser ressignificadas, mediadas por divindades provenientes do Cristianismo, com santos e demais entidades estabelecidas pelo catolicismo. Assim, os vodos (como já mencionado) representavam, na Idade Média, a fartura, o alimento conseguido graças ao poder divino que propicia à natureza ofertar o alimento. Desta forma, a abundância e o desperdício se mantiveram junto às festas religiosas oferecidas pelas cortes reais. Porém, os vodos foram proibidos por Dom Manuel (1469-1521), no entanto, somente durante as Festas do Divino Espírito Santo o banquete aos pobres era permitido (ETZEL, 1995).

Hoje, nas festas da religiosidade popular, é comum a oferta de alimentos. Estes são tidos como sagrados e representam o alimento da alma, a perpetuação da tradição, ainda que ressignificada, traduzida para a realidade do local onde se realiza.

NO POUSO, O CURURU

Quando a noite cai, a Irmandade está chegando ao local do pouso. Antigamente as portas do pouso não poderiam ser fechadas em nenhum momento, e o terço era rezado de joelhos, pela Irmandade.

Conforme as possibilidades financeiras do festeiro, após o jantar, tem apresentação de cururu.

O cururu é uma dança de fundo religioso, geralmente realizada à noite, na qual são cantados desafios dentro de um certo cânone, que se chama “carreira” ou “linha” e que é determinado pelo “pedestre”. Embora dentro de um cânone, o canto é inteiramente improvisado, tendo o improvisador de acompanhar a viola, instrumento fundamental do cururu. (ARAÚJO, 2004, p. 83).

Mário de Andrade (2002, p. 82) comenta que o cururu pertence a um ritual formalístico de uma dança (“nem sei se deva dizer dança mais!” – diz o autor), a louvação da vida de um santo ou passagem bíblica. Embora haja registros de Araújo (2004) e Julieta Andrade (1992), dos passos do cururu, parece que Mário de Andrade já estava percebendo o desaparecimento de parte do ritual, permanecendo apenas os versos improvisados.

Complementa Mário de Andrade (2002, p. 82) sua reflexão sobre a origem do cururu: “A meu ver, o cururu é o exemplo mais puro e íntegro do que foi a adaptação artística dos jesuítas do primeiro século”.

A dança teria sido disseminada pelos bandeirantes, no tempo das entradas e bandeiras, que partiam de Piratininga e desciam o Anhembi e, nos pousos e ranchos, praticavam o cururu (ARAÚJO, 2004). Para Andrade (1992, p. 150), não só o cururu teria sido difundido pelos bandeirantes, mas

a prática dos pousos e alguns dos elementos rituais realizados pelas Irmandades do Divino do Médio Tietê.

Até a Irmandade do Divino ganhou, nas margens do rio Tietê, uma feição própria: do seu seio partem os foliões, não para cantarem de casa em casa na sua cidade e zona rural próxima; a Folia parte para viagem de meses, como os bandeirantes antigos. Ela percorre toda a região. Vai a pé, na direção dos Pousos oferecidos – também por promessa em razão da doença – onde os foliões vão pernoitar, em cômodo externo à casa, como os bandeirantes antigos.

Aponta-se aqui, por meio destes autores, referências da prática da Irmandade do Divino e do cururu com um período da história da ocupação do território brasileiro. O cururu, cantado e dançado a partir de desafios rimados, ritmados e improvisados coloca em evidência a disputa entre talentos, por meio da palavra cantada e da esperteza de cada um. Segundo Andrade (1992), o cururu, ao som da viola caipira, reflete uma pedagogia não formal da Bíblia, pois os temas cantados referem-se a passagens do Livro Sagrado. Conforme alguns cururueiros mais tradicionais, as passagens bíblicas estão sendo esquecidas, dando lugar ao tom cômico e de brincadeira, inclusive durante as festas da religiosidade popular.

Assim como toda manifestação cultural, o cururu tão frequente em festas do Divino Espírito Santo, constante e típico da região do Médio Tietê (SP), apresenta-se de forma dinâmica. Não se pode negar que houve uma simplificação do ritual, em que a dança já não é mais praticada, provavelmente porque tenha perdido o seu sentido. Mas seus versos, ainda que com grande diversidade temática, se mantêm e são disseminados, contraditoriamente, pela indústria fonográfica. É mercadoria que se apresenta como “folclórico”, “exótico”, ou “raridade” que “precisa” ser preservada como parte da história, como patrimônio cultural.

E a cantoria pode ir noite adentro... O que importa é a alegria naquele momento festivo! No dia seguinte, a Irmandade segue cumprindo seu trajeto até chegar ao ponto de partida: o distrito de Laras.

A ENTREGA E O ENCONTRO

A Entrega da Bandeira ocorre sempre em uma quarta-feira à noite, quando é dado o início ao Tríduo Preparatório para a Festa do Divino, com missa. Conforme relatos, inclusive de um Irmão, é um momento muito emocionante, pois todos se abraçam e choram, afinal, foram vinte e cinco dias no convívio diário, na peregrinação que permanece porque é coletiva, porque a solidariedade fica exposta; o amor e a caridade, conforme dita o Espírito Santo, são aflorados.

É chegado o dia, após o Tríduo, do Encontro das Canoas. Este é o momento considerado ponto alto do ritual, não só pela sua estética, mas

sobretudo pelo seu significado: é a chegada do Espírito Santo em Laras.

Neste dia, há venda de alimentos no Barracão da Igreja de São Sebastião (Padroeiro de Laras). É o sábado cuja missa homenageia os romeiros: Missa dos Romeiros, realizada pouco antes do Encontro das Canoas. São os devotos de várias localidades que vão para Laras, em ônibus e vans fretados. Vêm de Piracicaba, Sorocaba, Cosmópolis, Campinas, Osasco, São Paulo, Americana, Limeira, Elias Fausto, etc. Outros tantos chegam de carro, deixam o veículo do outro lado do Rio Tietê, ou encontram estacionamento no pequeno distrito.

De Piracicaba, se apresenta o grupo de Congada do Espírito Santo, mas sempre de uma forma espontânea, não havendo contratos ou agendamento prévio de sua manifestação. O estandarte do grupo fica na Casa Paroquial, junto com as Bandeiras do Divino da Irmandade. A Casa Paroquial funciona como uma espécie de Império do Divino, embora em nenhum momento tal referência tenha sido mencionada pelos devotos.

Figura 3 – Bandeira do Divino e Estandarte da Congada do Divino de Piracicaba na Casa Paroquial da Igreja de São Sebastião, em Laras.



Foto: Neusa F. Mariano/ Julho de 2011.

É o dia do Encontro das Canoas. Trata-se, na verdade, de uma representação de um episódio que deve ter acontecido há muito tempo atrás, em que as canoas de rio acima e de rio abaixo, se encontraram no rio. Apesar

de ser encenação, é considerado o ponto alto da Festa, o momento emocionante em que as pessoas fazem seus pedidos ao Divino Espírito Santo.

A Irmandade de São Sebastião (cujos membros são praticamente os mesmos da Irmandade do Divino de Laras) fica concentrada em frente à Casa Paroquial para seguir, com remos em punho, para o porto e embarcar na canoa.

Figura 4 – Concentração da Irmandade de São Sebastião, padroeiro de Laras, para seguir em procissão rumo ao Encontro das Canoas.



Foto: Neusa F. Mariano/ Julho de 2011.

Na sede da Irmandade do Divino estão concentrados os Irmãos do Divino que, de forma “escondida” segue para outro ponto do porto e simulam, já na canoa, a chegada a Laras pelo rio Tietê, rio acima.

No encontro das duas canoas, os Irmãos se cumprimentam com os remos e o trabuco anuncia o momento tão esperado.

Figura 5 –



Foto: Neusa F. Mariano/ Julho de 2011.

Para Andrade (1992) este ritual tem suas origens nas bandeiras de outrora, que seguiam pelo rio:

Nossos pesquisadores sabem que as festas e pousos são feitos por cumprimento de promessa em razão de peste, maleita, sezão, porque matava muita gente, nunca sabia se quem partia ia voltar. Quem voltava, chegava de barco, rio acima.

O regresso dos bandeirantes era marcado por tiros desde longe. Hoje, o encontro das canoas mostra o lado inverso da partida melancólica das monções. Ele expõe, como espocar dos rojões feitos para lá da curva do rio, o aviso de chegada: rojões soltos nas margens respondem, parte um batelão a encontrar o que vem subindo o rio.

A saranga, melodia à guisa de cantochão, é o hino de louvor pela sobrevivência no sertão. Ela é cantada pelos remeiros. (ANDRADE, 1992, p. 150. Grifos da autora).

Toda a população quer acompanhar de perto a passagem das Irmandades. Este é um momento sagrado, de cura e agradecimento e também de doação dos Irmãos que estão fechando o ciclo da viagem anual, no cumprimento da missão atribuída com base na tradição.

Fazendo referência mais uma vez à história da localidade, o ritual prossegue com os “amortalhados”, o mesmo que “deitar para o Divino”. Os devotos, em agradecimento ou em súplica, deitam na rua envoltos a lençóis, assim como ficavam aqueles que morreram por causa da febre amarela. Mas aqui há o renascimento, por obra do Espírito Santo, por meio da Irmandade, considerada mensageira do Divino. Oferecer-se vulnerável para o sacrifício, ser humilde, deitar com seus filhos pequenos, cobrir a cabeça como um amortalhado – esse é o costume e a tradição. A Irmandade, com a Bandeira do Divino, abençoa os “amortalhados”, passando por cima deles, recolhendo doações que são colocadas sobre seus corpos.

Figura 6 – Bandeiroiro com a Bandeira do Divino carregada de fitas, cartas e fotos, abençoa um devoto que “deitou para o Divino”.



Foto: Neusa F. Mariano/ Julho de 2011.

O trabuco é disparado após a Irmandade dobrar cada esquina, até findar o trajeto para a igreja de São Sebastião. O Mastro é erguido e, assim como nos almoços e pousos, não é tocado pelos Irmãos, mas sustentado pelos remos. Fogos de artifício colore o céu, já escuro, no sábado da Festa. Vale lembrar que “[...] é pelo mastro que se fará a ligação entre o visível e o invisível, entre o espaço terreno dos vivos e o espaço celeste, o reino sagrado do Divino Espírito Santo”. (ALMEIDA, 2008, p. 94).

Uma missa é rezada em seguida, com a participação dos Foliões e sua cantoria.

Cabe observar a diferenciação de público durante este dia. Pela manhã, até o final da tarde, quando termina o ritual dos amortalhados, os chamados Romeiros é que preenchem as ruas de Laras e o Barracão de comida e shows musicais. Permanece até o final, ou seja, até a entrega da Bandeira do Divino na Casa Paroquial, os devotos da localidade (Laras e região), e as famílias dos integrantes da Irmandade. Por fim, já por volta de oito horas da noite, começam a chegar os jovens das proximidades, para assistir, no Barracão, aos shows divulgados nos cartazes da Festa – o chamado baile, que segue noite afora e que, mesmo fazendo parte da Programação da Festa, dela está desvinculada, ou como disse o Diretor da Irmandade – é a parte profana da Festa.

Domingo ainda tem atividade: uma Procissão é realizada no final da tarde, pelas ruas próximas à Capela de São Sebastião.

Neste trajeto, a Bandeira se despede, para retornar no próximo ano. E mais um ciclo anual é cumprido na manutenção da tradição.

Discretamente, sem nenhum ritual, o Diretor da Irmandade joga no Rio, as fitas, fotos, cartas, tudo o que os devotos colocaram na Bandeira do Divino. É como se as águas do Tietê levassem todas as coisas ruins, deixando apenas uma boa energia aos seguidores do Espírito Santo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa do Divino de Laras apresenta-se como uma manifestação da cultura popular com uma peculiaridade muito rica, que contribui para a compreensão de uma identidade territorial da população de Laras.

A sua formação social já demonstra esta forte ligação com a localidade, em função da febre amarela. E por causa desta febre, houve o surgimento da peregrinação do Espírito Santo, abençoando as famílias que moravam às margens do Rio Tietê. Nesse trajeto, o pedido de almoço e pouso a quem recebia a Irmandade era uma necessidade que se tornou uma forma de agradecimento por graça alcançada, por um milagre do Divino Espírito Santo. A Irmandade é a mediadora nesta relação, por meio de um ritual que foi sendo constituído ao longo dos anos, solidificando uma tradição, manifestada pela religiosidade.

A lembrança da febre amarela, cantada nos versos dos Foliões e no ritual dos amortalhados, anuncia os motivos da peregrinação, da sua origem. O que se realiza hoje, durante a Festa, funciona como uma manutenção desta identidade territorial, porque tem a ver com as origens de cada membro da comunidade, naquela localidade.

Não só para os membros da Irmandade, mas para a população de Laras em geral, o Espírito Santo representa a reprodução da vida, cuja tradição em homenagem a ele se mistura com a própria história da localidade.

A perpetuação da Festa, ao que parece, está garantida pelas novas gerações, seja acompanhando a Irmandade na peregrinação – afinal a viagem acontece no período de férias escolares – ou então emprestando o agudo da voz para a cantoria da Folia. Sendo assim, a Irmandade do Divino tem cumprido o seu papel de manutenção da tradição. Portanto, cumpre uma função social, a partir do momento em que uma ordem moral imbuída de solidariedade, caridade e respeito, é transmitida na prática cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Benedicto Pires de. *Cronologia Tieteense*. (História do Município e da Cidade de Tietê, SP, de 1783 a 1978). 2 vols. São Paulo: Milesi Editora, 1980. 1396 p.
- ALMEIDA, Luís Nunes de. *Rio Tietê – Estrada líquida dos romeiros do Divino Espírito Santo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 2008.
- ANDRADE, Julieta Jesuína Alves de. *Cururu: espetáculo de teatro não-formal poético-musical e coreográfico. Um cancionário trovadoresco do Médio Tietê*. 1992. 3 v. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002. 840 p.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 243 p.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional I: festas, bailados, mitos e lendas*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 591 p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed.. São Paulo: Global, 2001. 768 p.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.
- ETZEL, Eduardo. *Divino – simbolismo no folclore e na arte popular*. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995. 180 p.
- FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. p. 53-80.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 396 p.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316 p.
- LEFEBVRE, Henri. Notes écrites um dimarche dans la campagne française. In: LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne*. Introduction. 2. ed. Paris: L'Arche Editeur, 1958. p. 215-241.

254 MARIANO, Neusa de Fátima. Sobre as águas do rio tietê: a festa do divino...

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ed. Ática, 1993. 269 p.

Documentação primária

Estatutos da Irmandade do Divino Espírito Santo. Distrito de Laras, Laranjal Paulista – SP. Arquidiocese Sant’Ana de Botucatu, 28 de março de 2008.

Regulamento para a viagem da Irmandade do Divino – Distrito de Laras, 2010.